

conexão sindag

Editorial

O problema é a baixa rentabilidade

A mídia tem divulgado dados do Ministério da Fazenda que estimam em R\$ 87 bilhões as dívidas dos produtores rurais com o Sistema Financeiro Nacional. Esse número salta para perto de R\$ 130 bilhões quando se põe na conta o endividamento dos agricultores com as empresas do agronegócio. Enquanto discute propostas para a renegociação das dívidas rurais, o Congresso Nacional corre o risco de novamente tratar de soluções temporárias e não do problema estrutural da agricultura brasileira, que é a sua baixa rentabilidade. O programa em pauta para a repactuação das dívidas é um paliativo. Permitirá aos produtores plantar mais uma safra, sem, no entanto, solucionar pendências antigas. Os produtores serão novamente reféns da restrição ao crédito junto aos agentes financeiros e dependerão dos fabricantes de insumos para financiar a safra – os que estiverem com os dados cadastrais em dia, é claro. O deputado

Moacir Micheleto (PMDB-PR) tem razão quando usa a tribuna da Câmara para chamar a atenção para o moto-contínuo do endividamento rural. Ele salientou que o início da safra de grãos – de antemão alardeada como ‘recorde’ – já é marcado por complicações advindas da combinação entre falta de crédito e pressão de custos para aquisição de insumos. Micheleto também alertou seus pares quanto a uma variável ruim para o Brasil: uma possível redução da área plantada em decorrência da falta de capital de giro e da baixa oferta de crédito, agravados pela valorização cambial. Enquanto os governantes tratarem somente de paliativos para as finanças dos agricultores, será mantido sem possibilidade de reversão o quadro de baixa rentabilidade da agricultura brasileira, que é a raiz de todos os problemas do campo.

Laércio Valentin Giampani
Presidente do Sindag

Sustentabilidade

Setor investe R\$ 8 milhões na “Campo Limpo”

O setor de defensivos agrícolas anunciou, por intermédio do InpEV – Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias, a criação da empresa Campo Limpo Reciclagem e Transformação de Plásticos. Com investimento inicial de R\$ 8 milhões, a indústria dá mais um passo estratégico para promover a auto-sustentabilidade do sistema de destinação final de embalagens vazias. O modelo de atuação da Campo Limpo prevê a produção de novas embalagens a partir da reciclagem e transformação de embalagens vazias de defensivos agrícolas. Outros R\$ 20 milhões serão investidos até 2011, e a Campo Limpo entra em operação no mês que vem. Em tempo: De janeiro a março, foram encaminhadas para a reciclagem ou incineração 5.528 toneladas de embalagens vazias de defensivos agrícolas, volume 22,3% superior em comparação ao mesmo período de 2007 (4.520 t).

Entrevista

Luiz Claudio Barone: Presidente da Abifina



Atual presidente da Milenia Agrociências, o engenheiro civil Luiz Claudio Barone, 48 anos, pós-graduado em Administração de Empresas, ingressou no setor de defensivos agrícolas em 1984, na Rohm and Haas Brasil. Depois de oito anos na direção da Milenia, Barone também acumulará pelos próximos três anos a Presidência da Abifina – Associação Brasileira das Empresas de Química Fina.

Como o senhor chegou à presidência da Abifina?

Percebemos que o modelo setorial de que fazíamos parte não atendia plenamente às nossas necessidades. Pensamos até mesmo em fundar uma nova associação, mas, no meio da discussão, concluímos que seria melhor criar um novo braço na Abifina, a Abifina ‘agro’, o que fizemos com sucesso.

Surgiu daí o convite para que eu assumisse a presidência da entidade.

Qual será a principal missão enquanto presidente?

Fortalecer o braço ‘agro’ da Abifina com ênfase nos interesses das empresas que não detêm patentes e que têm produção nacional. Nos empenharemos para preservar a boa imagem da Abifina e fazer com que mais empresas se juntem a nós, além de buscar parcerias com entidades como Sindag e Andef em áreas onde houver interesses comuns.

E como presidente da Milenia, quais têm sido seus principais desafios e resultados?

Enfrentar competidores de peso, certamente, é o principal, pois nosso portfólio é muito parecido com o das grandes do setor. Outro desafio é dirigir uma companhia com duas fábricas de produtos químicos instaladas num país cujo gerenciamento da

área ambiental é muito complicado, que cria barreiras ao desenvolvimento e o faz de forma pouco racional. A Milenia vem crescendo, acompanhando o crescimento do mercado. Passamos, como as demais empresas, pelas crises de 2005 e 2006 e nos recuperamos em 2007. Tudo indica, teremos um bom 2008.

Como analisa o comportamento do mercado este ano?

Entendo que as empresas e os produtores vão enfrentar pressões de custos, em decorrência do comportamento dos preços do petróleo. Mesmo assim, o setor deverá ampliar sua renda, já que não vejo em curto e médio prazos algum fator capaz de colocar para baixo as cotações das *commodities* agrícolas. O câmbio já fez todos os estragos que poderia fazer e não deverá descer muito além de onde está hoje. O produtor também já incorporou esse comportamento do câmbio. Portanto, o cenário tende a se manter favorável.

Agricultura brasileira: um cenário de oportunidades

Leonardo Sologuren*

Nos últimos dez anos, a economia mundial registrou um crescimento médio de 3,2% ao ano, puxado principalmente pelos países emergentes, a exemplo de China (8,7% de crescimento médio anual), Índia (6,4%) e Rússia (5,1%). A economia aquecida elevou de forma significativa o consumo de alimentos, principalmente nos países emergentes, onde o aumento da renda per capita permitiu a inserção de um maior número de pessoas no mercado consumidor. Apenas para se ter uma idéia, nos últimos dez anos, a China retirou da linha da pobreza cerca de 180 milhões de pessoas.

Além do crescimento da economia global, os grãos também passaram a ser fonte de matéria-prima para a produção de biocombustível, e, neste caso, se destaca o milho para a produção de etanol e a soja para a produção de biodiesel. A preocupação ambiental, aliada à tendência de diversos países de reduzir a sua dependência do petróleo, está incentivando a produção de energias alternativas.

Diante de um quadro claramente consumidor, os estoques de passagem dos grãos recuaram de forma significativa nos últimos anos, apesar de o mundo ter registrado suas três maiores safras nos três anos anteriores. O fato é que a taxa de crescimento do consumo vem superando a taxa de crescimento da produção. No período de 1997 a 2007, a produção mundial de grãos cresceu a uma média de 1,1% ao ano, enquanto o consumo registrou um crescimento médio de 1,6% ao ano no mesmo período. O resultado é que a relação estoque/consumo de grãos apresenta atualmente o menor nível dos últimos 34 anos.

Tal cenário resultou em uma forte valorização nos preços das *commodities* agrícolas, como soja, milho, trigo e arroz, e o mundo atravessa claramente um processo de inflação de alimentos que exigirá uma resposta da

produção agrícola. Para que a produção de grãos passe a acompanhar o ritmo de crescimento da demanda, será necessário um crescimento da área plantada nos próximos anos, uma vez que a taxa de crescimento da produtividade não tem sido suficiente para elevar a produção de grãos no mesmo nível da demanda.

Sem sombra de dúvidas, o Brasil é o país que tem a maior chance de elevar a sua área plantada sem comprometer nenhuma cultura. Os Estados Unidos, por exemplo, enfrentam limites de crescimento. Se a área de milho cresce, a de soja tem que recuar necessariamente. Na Europa, a concorrência de área entre as culturas também é nítida. Em decorrência de suas metas de produção de biodiesel, a área plantada com canola vem crescendo a uma média de 6,8% ao ano (período de sete anos), o que tem resultado no recuo da área plantada para os demais grãos.

Apesar de todo o cenário otimista para a agricultura, nem tudo é um "mar de rosas". Os custos de produção também estão apresentando uma inflação global e, neste caso, destaca-se a forte valorização dos preços dos fertilizantes. Para o caso específico do Brasil, a situação torna-se mais crítica no momento em que os produtores brasileiros tentam reduzir os seus passivos adquiridos no período de uma forte crise sofrida pela agricultura brasileira (2005 e 2006).

A questão logística é outro fator de grande preocupação para o Brasil. Se não houver novos investimentos no setor, o país corre o risco de limitar o seu potencial exportador. O aumento do crédito para financiamento e a gestão sustentável da produção também são fatores cruciais para que o Brasil possa capturar toda esta oportunidade que já está presente no mercado internacional.

*Engenheiro agrônomo, mestre em economia e diretor da Céleres Consultoria.

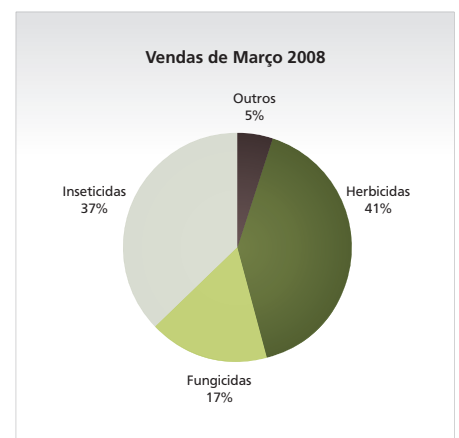
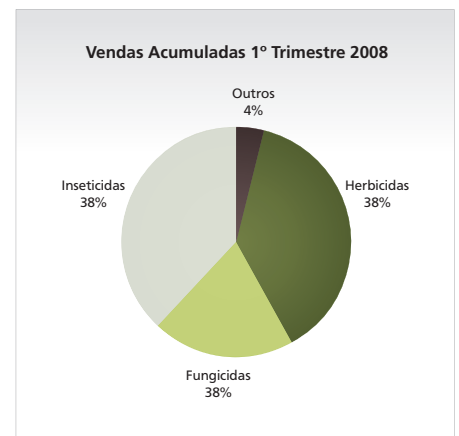
Mais uma greve e ao menos uma boa notícia

O movimento grevista dos auditores fiscais da Receita Federal ultrapassa 30 dias e não se vê sinal de encerramento. A categoria é mais uma dentro de órgãos oficiais a trazer prejuízos ao setor de defensivos. A boa notícia é que o Sindag obteve liminar na Justiça para a liberação de mercadorias pertencentes às empresas associadas, o que evitou transtornos ainda maiores. Nos próximos dias, o Sindag publicará sua estimativa dos prejuízos financeiros causados pela greve.

Mercado

Vendas estáveis

As vendas de defensivos tiveram retração de 3% em março último, em comparação ao mesmo período do ano passado, e movimentaram R\$ 557 milhões. No trimestre, porém, houve crescimento acumulado de 13% (R\$ 2.055 bilhões), desempenho influenciado pelas culturas de algodão, cana, HF, feijão, milho safrinha e soja.



Pelo Campo

Disque-denúncia: 6.000 chamadas

O disque-denúncia da campanha nacional contra pirataria e contrabando de agrotóxicos chegou à marca de 6.000 chamadas este ano. As denúncias que chegam por esse canal são automaticamente remetidas à Polícia Federal, e a central não usa aparelhos de identificação de chamadas ("binas"). O número do DD é 0800 940 7030 e a ligação, gratuita.

Nota fiscal eletrônica

Por meio de requerimento encaminhado no último dia 18, o Sindag solicitou ao Governo do Estado de Mato Grosso a prorrogação, para 1º de janeiro de 2009, do prazo previsto para a adoção de nota fiscal eletrônica pelas empresas do setor. O Decreto de número 1.202, de 12 de março último, obriga as empresas a se adequarem até o final deste mês. O governo ainda não respondeu.

Expediente

O Sindag, 67 anos, é vinculado à Fiesp, mantido por 45 empresas, e representa o setor de defensivos agrícolas junto a órgãos de governo, poderes públicos, entidades de classe, comércio exterior, associações rurais e outros segmentos da indústria.
Telefone: (11) 5094-5533 - www.sindag.com.br; sindag@sindag.com.br

Conexão Sindag é uma publicação mensal do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola.
Redação e edição: Bureau de Idéias, Imprensa e Comunicação Estratégica - www.bureauideias.com.br
Produção: Perfil Comunicação - www.perfilpropaganda.com.br
Sugestões de pauta e contato com o comitê editorial: conexaosindag@sindag.com.br